

Um pedido de socorro

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

Veio a morte, horrorosamente vestida de preto. A morte carregava um enorme rato de borracha. E vieram pessoas com máscaras brancas. Em frente ao espelho d'água do Congresso Nacional, todos se juntaram. Com pedaços de lona preta, desenharam uma cruz gigantesca. Trouxeram faixas amarelas. Numa delas, o convite: "Deputados, venham tomar um copo d'água com a gente, moradores de São Sebastião". Em outra, a perplexidade e a indignação: "Que país é este? Hantaviros a 20 quilômetros do Congresso Nacional". E um pedido desesperado de socorro: "A maior doença de São Sebastião se chama abandono".

E foi assim, no meio da tarde de ontem, que cerca de 50 moradores de São Sebastião protestaram contra o que chamam de descaso das autoridades em relação à hantavirose — doença que matou três pessoas na cidade e causou pânico na população.

Desde que se confirmaram as primeiras mortes — e dúvidas sobre outros casos ainda não comprovados por exames laboratoriais —, os moradores vivem dias de pesadelo. E preconceito. "Soube de um caso onde algumas pessoas foram impedidas de entrar numa piscina só porque eram de São Sebastião", denuncia um manifestante.

Rogério Ulysses, de 29 anos, professor e líder comunitário, foi um dos organizadores da

manifestação. Indignado, ele perguntava: "Como pode, em pleno século 21, pessoas ainda morrerem por falta de saneamento básico, por causa de ratos? Foi exatamente isso que aconteceu em São Sebastião. A cidade completará 11 anos em julho e nunca recebeu a devida atenção das autoridades..."

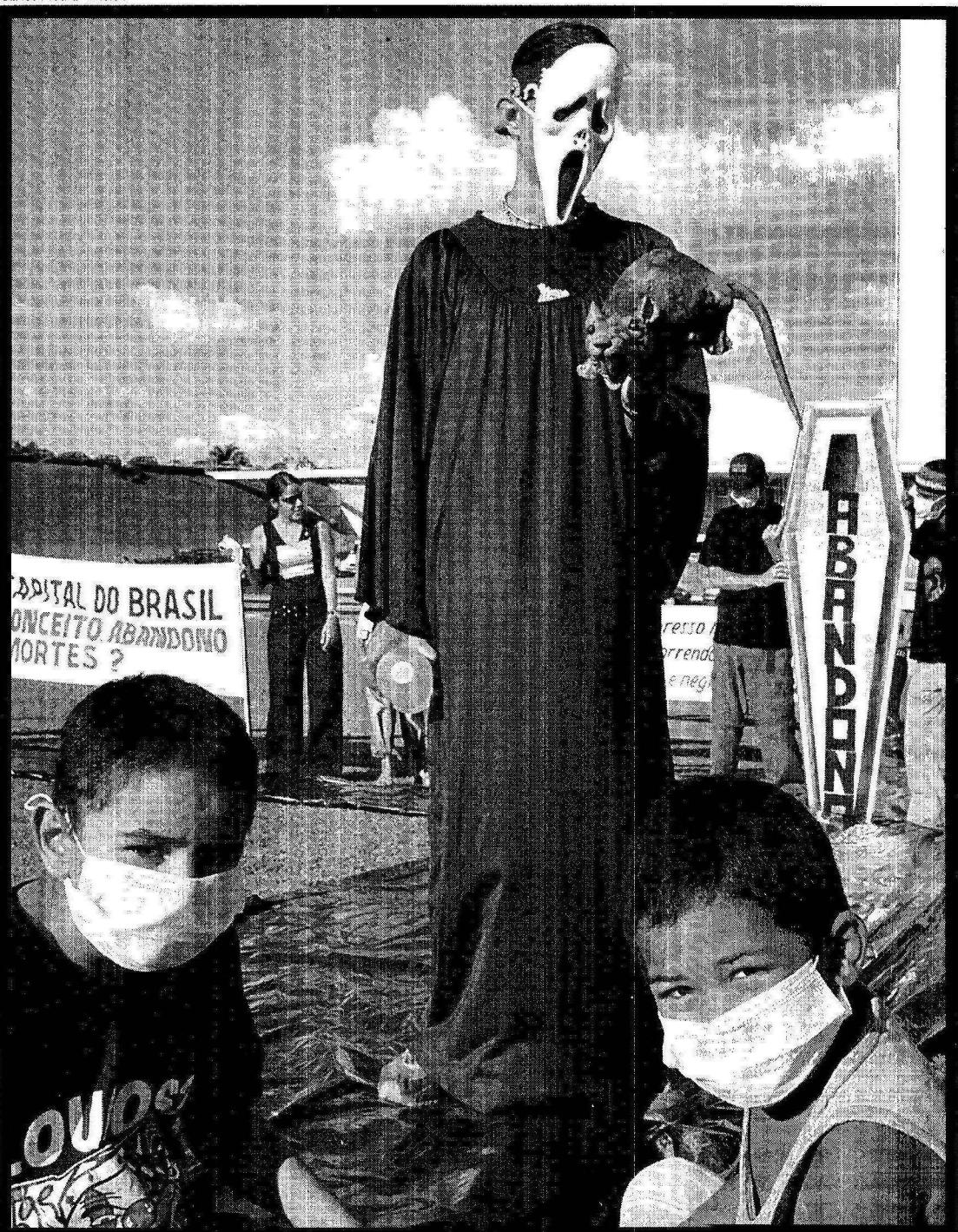
Crianças, jovens e adultos, todos de máscaras, desceram do ônibus que os trouxe até o Congresso Nacional. Eram 15h30. Em volta da cruz, ergueram as faixas. A morte, horrorosamente vestida de preto, mostrava o rato e um litro d'água contaminada.

A professora Ana Sílvia de Souza, de 21 anos — cuja aluna Denifer Quintanilha, 17, morreu de hantavirose —, era o retrato da angústia. "Estou aqui como moradora de uma cidade que está apavorada, largada e discriminada. Alguém precisa fazer alguma coisa", desabafa.

Ajudando a carregar uma das faixas, a dona-de-casa Maria de Fátima Coelho Braga, de 47 anos, três filhos, veio com um propósito: "Tô aqui para pedir socorro. Não quero ser a próxima vítima dessa doença". No meio daquele gramado, diante da impotência, ela concluiu: "Só a fé em Deus, já que as autoridades não fazem nada, poderá salvar a gente".

Mesma indignação

E cada um ali tinha o mesmo motivo para protestar. A mesma indignação. "Alguma coisa tem que ser feita. Existe total negligéncia em relação à cidade", avalia o estudante Odirlei Ribeiro



DE MÁSCARAS, OS IRMÃOS JÚNIOR (D) E ROBSON ESTIVERAM AO LADO DA MORTE NA ESPLANADA: DENÚNCIA DE DESCASO

ro Guimarães, de 23 anos.

E ele vai mais adiante: "Quando as primeiras notícias sobre as mortes começaram a ser divulgadas, todo mundo correu pra São

Sebastião. Mas só tomaram medidas paliativas. Nada de real".

Paulo Fona, porta-voz do Governo do Distrito Federal (GDF), rebate as críticas: "Em um ano, fo-

ram investidos R\$ 20 milhões em obras de infra-estrutura na cidade, que hoje conta com 300 mil metros de tubulação e 100% de água potável em toda área

urbana". Quanto à hantavirose, Fona garante que a população não está abandonada e recebe atenção especial do GDF. "Cem servidores da área de saúde foram deslocados para São Sebastião."

Mesmo os que ainda não entendem muito bem a doença foram ao gramado do Congresso Nacional. Os irmãos Júnior, de cinco anos, e Robson, nove, também estavam lá. De máscaras brancas, só entendem uma coisa: a cidade onde moram não é mais a mesma. Não brincam mais na rua como antes e ouviram falar que pessoas morreram com uma estranha doença.

Faixas espalhadas

Em meio à manifestação, um grupo cantarolou *Brasil*, de Cazuza. Depois, *Que país é este?*, do grupo Legião Urbana. Em pé, os moradores seguravam as faixas. Queriam mostrar para todo mundo como está a cidade de São Sebastião e como as notícias das mortes transformaram suas vidas.

Um grupo de alunos do Centro de Ensino 8 do Guará II, que visitava o Congresso, parou para assistir à manifestação. Todos ali já tinham ouvido falar sobre a doença que aterrorizou a cidade. "É a doença que se pega do rato, em lugar onde as ruas são sujas", comentou Herbert Douglas de Lima, de 12 anos.

Depois de uma hora e meia de protesto pacífico, sem que nenhum parlamentar tenha dado o ar da graça, cada um dos moradores embarcou no mesmo ônibus, de volta à cidade. O mesmo ônibus que levou a morte vestida de preto, o caixão, o rato e as máscaras.

Do protesto, ficaram as dezenas de faixas, com pedido de socorro. "Vou espalhá-las ao longo de toda a Esplanada dos Ministérios. Alguém vai ter que nos enxergar", avisou Rogério Ulysses, líder comunitário e organizador do evento.

A vida em São Sebastião, depois da hantavirose, dificilmente será a mesma.